

## RETOMADA

*José Manuel da Silva*

eis que respiro ar puro  
sem pano, sem bloqueio, sem medo – sem medo?  
vejo a rua cheia de carros, as lojas lotadas  
os restaurantes com todos comendo e bebendo –  
[viva a economia!  
os casais abraçados, os grupos de amigos aglomerados  
e penso nos meses, nos anos passados, abreviados,  
[enclausurados  
dou passos à frente, desço dois degraus  
sinto o perfume do entardecer, antecipo momentos  
[de prazer  
minha convidada está a caminho, depois de tanto tempo  
guardo ansioso – o suave toque no braço, o beijo no  
[rosto, o sorriso gostoso  
percebo-me sorridente, confiante  
alguém se aproxima, algum conhecido  
por instinto me afasto, recuo, aceno constrangido  
ele se vai, não entende  
olho para o céu do anoitecer  
lembro da praia, da montanha, das viagens, da  
[estrada sem fim  
quanta saudade da natureza, do cheiro de mato  
afinal, tudo acabou, tudo passou, há no ar um  
[novo recomeço

então, por que a tensão, a apreensão, a preocupação?  
os minutos se vão  
permaneço estático, pensativo, na entrada do prédio  
a mente cavalga nuvens de pensamento que percorrem

[dois anos de isolamento

dois anos de negação, de inação, de contradição  
dois anos de loteria – quem morre e quem vive  
pura sorte, com a morte consorte  
ao fim e ao cabo, sobrevivi – graças a mim e

[a mais ninguém

sofri, resisti, senti na carne a morte de milhões  
aturei a distância a desfaçatez dos fanfarrões  
pego o celular, minha amiga pode esperar  
volto ao conforto de minha habitação  
ainda não é o momento – não, ainda não

The book cover features a dark background with several horizontal, light-colored stripes. The title and author's name are centered on the cover.

## COMPLEMENTO

*José Manuel da Silva*

Conheceram-se no início da pandemia, num aplicativo. Os dois com sessenta e poucos. Ele solteiro, ela divorciada, trancados em casa – muito medo por serem do grupo de risco e não acreditarem nas idiotices de alguns grupos negacionistas. Ambos com filhos, mas já decididos a não se encontrarem durante o confinamento. Desde o início, descobriram muito em comum, especialmente literatura e música. Além disso, ela conhecia bastante a pintura, e ele, a poesia. Complementavam-se nas artes.

Antes da pandemia, ele tinha uma namorada. Decidiram “dar um tempo”, porque ele decidira se isolar, e a namorada, não. Ela tinha um namorado, mas ele logo pegou o vírus e, por razões óbvias, pararam de se encontrar. Curiosamente, não teve mais notícias dele. Até hoje, não sabe se ainda está vivo. Complementavam-se na “sozinhos”.

Ambos eram professores. Ela dava aula de artes em uma escola, tinha um ateliê onde criava suas obras, todas guardadas; jamais as expusera, não sabia se por falta de empenho, ou por achar que não tinham valor.

Ele era professor de literatura em uma faculdade particular. Nas horas vagas, escrevia alguns poemas, jamais publicados; não achava que alguém se interessaria em ler. Complementavam-se na criação e no autodescrédito.

Suas conversas eram sempre longas, não exatamente por estarem ociosos, mas porque eram excitantemente interessantes. Ficavam horas trocando mensagens de texto, ao telefone, vendo-se na *webcam*. Indagavam-se sobre a existência de uma química virtual. Em pouco tempo, constataram que havia. E a química não era só, digamos, cultural. Não demoraram muito para desfrutarem dos prazeres do sexo virtual. Excitavam-se durante horas conversando, discutindo sobre diversos assuntos – descobriram-se esquerdistas e indignados com o desgoverno em curso – e, quando a excitação atingia níveis alarmantes, o sexo era um dos mais intensos que ambos jamais haviam experimentado. Complementavam-se no virtual.

Tão logo foi possível e após já trivacinados, concordaram em se encontrar presencialmente.

Marcaram um almoço em um restaurante conhecido, conversaram até o final da tarde e acabaram em um motel, rindo muito da rotina tira-máscara-bota-máscara, dos infundáveis borrifos de álcool, e dormiram abraçados após um gozo excepcional. Bem, nem tanto. Inegável que se entendiam muitíssimo bem na cama, sabiam dar prazer um ao outro. Entretanto, ao acordar, trocaram suas percepções sobre o virtual e o real entre eles. Complementavam-se no real? A ver.

Conheceram os filhos um do outro, saem às vezes, sempre de máscara, pois a pandemia, na realidade, ainda não acabou, fazem sexo esporadicamente, mas continuam excepcionalmente ativos via internet, desde quando acordam até quando vão dormir. Assumiram que estão namorando. Atualmente, planejam uma exibição de suas obras: ela pinta telas baseadas em alguns de seus poemas, ele cria poemas baseados em alguns de seus quadros. A primeira exposição será virtual; depois verão o que fazer. Complementam-se. Fim.